



A história e as histórias do género em português: percursos diacrónicos, sincrónicos e pedagógicos

José António Costa & Celda Morgado Choupina

joseacosta@ese.ipp.pt / celda@ese.ipp.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Resumo

Em Português Europeu, existem diversos processos disponíveis para a marcação do género, de tal modo que vários autores (Carvalho, 1964; Bechara, 1999; Villalva, 2000) consideram não ser possível falar-se em flexão em género – sugerida pelo contraste *-o/-a* em várias formas –, constatação aplicável aos usos da língua desde o galego-português (Huber, 1933). Assim, num primeiro momento, contrastamos as noções de género e sexo e reconstituímos os processos de marcação do género dos nomes em português a partir do latim e no quadro das línguas românicas. Posteriormente, fazemos uma revisão dos processos que os autores acima identificados consideram existir para indicar o género das palavras, distinguindo recursos morfológicos, morfossintáticos e lexicais. Numa terceira fase, apresentamos propostas de atividades, visando diferentes níveis de ensino, no sentido de sistematizar e tornar operativas para professores e alunos estas informações.

Palavras-chave: Género gramatical; processos morfossintáticos e lexicais; ensino explícito

Abstract

In European Portuguese, there are several processes available for the marking of gender, so that several authors (Carvalho, 1964; Bechara, 1999; Villalva, 2000) do not consider it possible to speak of gender bending – suggested by the contrast *-o / -a* in various forms –, which applies to uses of the portuguese language since the Galician-Portuguese (Huber, 1933). Therefore, we begin with contrasting the notions of gender and sex and with the processes of marking name gender in Portuguese coming from Latin and Romance languages. Later, we will review the processes that the authors mentioned above consider to indicate the gender of words, by distinguishing morphological, morphosyntactic and lexical strategies. We will present, at last, several proposals for activities aimed at different teaching levels, in order to systematize this information and make it meaningful for teachers and students.

Key words: Grammatical gender; morphosyntactic and lexical processes; explicit teaching

0. Introdução

Em português, todos os nomes têm marcação de género, mas muitos não variam em género e, quando variam, são diversos os processos – que não a flexão – de concretizar essa transformação. Mesmo tratando-se de uma ideia presente em várias gramáticas (Bechara, 1999; Cunha e Cintra, 1984), nem sempre em contexto de sala de aula essa distinção surge clara e sustentadamente expressa. Um dos motivos para essa ausência de sistematicidade prende-se com a confusão entre as noções de género, de natureza gramatical e, portanto, arbitrária e convencional, e de sexo, que apenas se aplica aos seres sexuadaos.

O esclarecimento deste aspeto é, assim, o ponto central da primeira parte do texto, no quadro de uma caracterização mais precisa – sem preocupações de exaustividade – da noção de género, que convoca, igualmente, contributos de natureza diacrónica, no sentido de evidenciar que já na primeira sincronia do português a flexão era um processo observável apenas na categoria *número*. De facto, outros processos, de natureza lexical, sintática e morfossintática, estão disponíveis para marcar a contrastação em género, cenário de que nos ocupamos num segundo momento, procurando problematizar, igualmente, até que ponto alguns desses recursos apontam para uma efetiva distinção

de género ou apenas para uma diferença referencial e, portanto, semântica. Finalmente, reinvestimos estas informações num conjunto de propostas de atividades, precedidas por um breve introito em que esboçamos as motivações linguísticas subjacentes aos percursos didáticos apresentados, fazendo aumentar progressivamente o grau de complexidade da tarefa à medida que avança a complexidade das temáticas e apelando a uma constante reflexão e explicitação linguísticas por parte do aluno.

1. O género: caracterização geral e diacrónica

O género, em português, é uma categoria presente em várias classes de palavras, entre elas os nomes, os adjetivos, os determinantes, os pronomes e os numerais, manifestada por uma oposição privativa (*masculino, feminino*), em que o masculino é o termo não-marcado. Deste espectro dá conta Dante Lucchesi, ao sublinhar que “as categorias gramaticais de número e género [em Português] associam-se, no plano semântico-lexical, essencialmente ao nome e se estendem, no plano sintático, através do mecanismo da concordância, aos termos que lhe determinam o sentido: o artigo, o adjectivo, o pronome e o numeral” (Lucchesi, 2003: 430).

Uma caracterização sistemática do género envolve, contudo, considerar três problemáticas diferentes mas complementares: (i) nem todos os nomes admitem contraste de género; não há correlação entre as noções de género e sexo; existem diferentes processos de marcar o género. Nem todas as línguas se comportam da mesma forma em relação a estes parâmetros.

No Português Europeu, nem todos os nomes admitem contraste de género, mas todos têm um género – o denominado género sintático (Câmara, 1985) ou género implícito (Botelho, 2004)

- casa, indivíduo, pessoa, livro, mente, pá
- *caso/ *o casa/ *um casa... vs a casa / uma casa

Nestes casos, o género não se identifica com o sexo biológico, tratando-se de uma propriedade lexical que não radica em motivações semânticas e evidencia repercussões sintáticas, permitindo a concordância das palavras nos sintagmas e nas frases (3).

(1) A **casa** branca da praia está na minha memória.

Esta conceção leva, assim, a que se considere, na definição desta categoria em contexto pedagógico, a relevância do determinante para explicitar o género do nome, como explicitaremos nos exercícios que adiante proporemos. Na ótica de Hockett, “genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words” (Hockett, 1958: 231, citado por Corbett, 1991).

Aliás, já Mattoso Câmara (1969) descrevia o género como determinado pelo artigo, explícito ou não; “em outros termos, a flexão nominal, quando aparece, reforça apenas a expressão de uma categoria gramatical latente, que, mesmo sem essa flexão, se manifesta pela forma do artigo definido que o vocábulo nominal exige” (Mattoso Câmara, 1969: 64).

Sendo assim, o género é uma categoria arbitrária e, por isso, não estabelece uma correlação com a noção de sexo²⁶. Mesmo havendo casos em que o contraste de índice temático corresponde a um contraste de sexo (4), há outros em que tal não ocorre, (5) e (6).

²⁶ Segundo Neves (1987; 2005: 40), o reconhecimento da inadequação de um critério de base biológica para o tratamento do género gramatical remonta à antiguidade: “... os estóicos compreenderam a operação de

- (2) O/A menino(a) vai à escola.
- (3) o/um/*a/*uma mulherão
- (4) a/*o testemunha; a/*o vítima; o/*a indivíduo

Assim, em (5) uma forma masculina indica uma entidade do sexo feminino, como se mostra pela agramaticalidade de **a/*uma mulherão*. Por outro lado, em (6) uma mesma forma recobre os dois sexos (nomes sobrecomuns), ainda que mantenha o mesmo género gramatical. Concluindo, género e sexo não têm, em línguas como o Português, uma relação intrínseca entre si. Esta relação pode até existir nalguns nomes, porém nunca como aspeto primordial. Serão, deste modo, em número reduzido os nomes que trazem em si uma noção de sexo, constituindo exceção e não regra: “o género gramatical é um critério puramente linguístico [...] o género biológico é o sexo, categoria linguisticamente facultativa, dependendo da comunicação.” (Luft, 1987). Esta facultatividade está expressa no facto de apenas se tornar relevante quando os nomes se referem a seres sexuados e, mesmo assim, ser possível encontrar designações (cf. 6) em que esse contraste não é linguisticamente explicitado.

Outro aspeto a considerar no estudo do género é o carácter diferenciado que se deve atribuir à categoria género nos nomes e nos adjetivos. Autores há que consideram, como Mattoso Câmara (1969), que nos nomes o género é lexical e mais ligado à derivação, enquanto nos adjetivos há flexão em género.

A verificação destes dados para o português atual remonta à matriz latina que o define, porquanto provém do latim a distinção de género que concebemos na língua e que outras línguas não operam do mesmo modo. Em latim, havia género masculino, feminino e neutro. Este último subsiste no português, mas apenas nos pronomes *isto, isso, aquilo*. De resto, o neutro singular passou a ser sentido como um masculino (*templum* > *templo*), mas às vezes regista uma flutuação de acordo com a língua românica de chegada (*mare* > *o mar / la mer*). Por seu turno, o neutro plural passa a ser formalmente um feminino singular, mesmo que designe um conjunto (*opera* > *ópera; fructa* > *fruta*), o que permite compreender a génese formal e semântica de certos nomes coletivos, singulares quanto ao número, apesar de designarem mais de uma entidade.

O carácter arbitrário do género, sem qualquer motivação semântica, verifica-se, igualmente, na mudança de género operada em certas palavras no seu percurso rumo às várias línguas *romance* ou na confusão a que estão sujeitas no uso (em português, por exemplo, *o febre/a febre*).

Assim, na evolução das línguas, o género revela-se uma categoria arbitrária do ponto de vista referencial e totalmente convencional, como os exemplos em (7) evidenciam.

(5)

Latim	Português	Outras línguas românicas
pons (m.)	a ponte	il ponte (it.) le pont (fr.)
mare (n.)	o mar	la mer (fr.)
ars (m.)	a arte	el arte (esp.)

Os padrões variam, assim, conforme a filiação das línguas. De La Grasserie (1898: 614-15), citado por Corbett (1991: 30), propõe, baseado em um grande número de línguas, oito tipos de categorização: animado/não animado; racional/não racional; humano/não humano; macho humano/outro; forte/fraco; aumentativo/diminutivo; macho/outro; masculino/feminino/não sexuado. A

concordância em género, e perceberam a falta de correspondência entre género e sexo, apontando como função do artigo indicar o género e o número do nome.”

variedade a que a categoria género está sujeita leva Corbett (1991: 1) a considerá-la, na introdução do seu livro *Gender*, como “the most puzzling of grammatical categories”.

Esta dimensão *enigmática* verifica-se não só na marcação, como também nos processos disponíveis para estabelecer contrastes de género, cuja diversidade afasta, desde logo, a possibilidade de se considerar a flexão como recurso que cumpra esta função em português, como veremos no ponto seguinte, recorrendo a argumentos linguísticos sincrónicos e diacrónicos.

2. Processos de marcação do género nos nomes em PE

Como já foi mencionado na Introdução, o contraste de género no PE envolve variados processos e, por isso, é incorreto falar-se em flexão nos nomes. Herculano de Carvalho lembra que o substantivo apresenta “flexão de número, mas não de género”²⁷ (Carvalho, 1974: 601).

Este facto foi já notado no português antigo, como indica Joseph Huber “A flexão do substantivo reduz-se, portanto, unicamente à formação do plural” (Huber, 1933: 167). Mais recentemente, Alina Villalva (2000, 2003) sustenta que a flexão é um processo “que se caracteriza pela sua obrigatoriedade e sistematicidade” (2003: 926), o que não ocorre na categoria nome. No entanto, como anteriormente se referiu, embora todos os nomes tenham um género, nem todos admitem contraste de género. A este propósito afirma Villalva: “Com efeito, contrariamente aos adjectivos, todos os nomes recebem uma especificação de género, quer possam, quer não possam participar em contrastes de género, distinção que também não é previsível, dado que não coincide com a distinção estabelecida pelo traço [+/- animado]”. (Villalva, 2000:242)

Nos casos em que os contrastes de género se manifestam, a sua realização não é homogénea. Vários são os processos referenciados por gramáticos e linguistas para marcar o contraste de género em PE: (i) contraste de índice temático (8a); (ii) alternância fonológica (8b); (iii) redução da forma masculina (8c); (iv) contraste lexical (8d); (v) derivação (8e); (vi) composição (8f) e (vii) processos sintáticos (8g), em particular a concordância. Tentaremos uma breve descrição de cada processo, problematizando o contraste de género e a correlação (ou não) das noções de género e sexo.

- (6) a) gato/gata
- b) avô/avó
- c) irmão/irmã
- d) homem/mulher
- e) barão/baronesa
- f) águia-macho/ águia- fêmea
- g) o cliente/a cliente

3. Contraste de índice temático (-o/-a; Ø/-a)

Ainda que não seja uma regra geral, existem nomes que formam o contraste de género pela alternância de tema em –o para o masculino e tema em –a para o feminino (9). Outros nomes formam o contraste masculino/feminino pela alternância tema Ø/ tema –a, respetivamente, (10).

- (7) gato/gata; menino/menina
- (8) cantor /cantora; senhor/senhora²⁸

²⁷ “No português são [...] palavras flexionadas o substantivo (com flexão de número, mas não de género), o adjectivo (incluindo o particípio em função adnominal) e com este quase todos os pronomes, o artigo e os numerais ordinais (com flexão de género e número), uma parte dos numerais cardinais (com variação de género) e finalmente o verbo.” (Carvalho 1974: 601).

²⁸ No português antigo, *senhor* e *pastor* eram nomes que recobriam os dois géneros: *o/a senhor*; *o/a pastor*.

À luz dos exemplos, poderíamos ser levados a pensar que todos os nomes de tema em –o fossem de gênero masculino e os de tema em –a fossem femininos. No entanto, há nomes femininos terminados em –o, como em (11), e nomes masculinos terminados em –a (12).

(9) a libido; a tribo; a foto; a moto

(10) o fonema; o pirata; o poema; o cometa; o cinema; o mapa; o clima; o grama

Repare-se que *foto* e *moto* (11) são formadas por *truncação* (*truncamento*), um dos processos não morfológicos de formação de palavras no português. O que estes exemplos comprovam é que é possível formar nomes femininos terminados em –o porque o processo está já disponível e atestado na língua.

A oposição –o/-a pode, por outro lado, envolver contrastes lexicais e não de gênero, como em (13) e (14), sendo que *barco/barca* têm o mesmo radical e *caso/casa* resultam de radicais (étimos latinos: *casu* e *casa*) diferentes.

(11) barco/barca

(12) caso/casa

Por outro lado, o contraste de índice temático Ø /-a pode também envolver contrastes lexicais, tendo inclusive o mesmo radical, como ilustrado em (15). Este contraste acaba por gerar nomes de subclasses diferentes: nome comum e nome coletivo.

(13) flor (Ø)/flora (-a)

Acresce ainda que vários são os nomes que terminam em vogal –e e podem ser ou femininos (16) ou masculinos (17).

(14) a parede; a tempestade

(15) o cabide; o balde; o elefante

Em certos usos coloquiais da língua, verifica-se um contraste masculino/feminino realizado pela alternância tema em –e/ tema em –a, como em (18).

(18) presidente/?presidenta; parente/?parenta; ajudante/?ajudanta, general/?general.

4. Alternância fonológica

Formas atemáticas como (19) formam o contraste de gênero pelo grau de abertura da vogal, [o] para o masculino e [ɔ] para o feminino.

(19) avô/avó

5. Redução da forma do masculino

Outro dos processos que permite formar o contraste de gênero nos nomes é a redução da forma do masculino. Nomes terminados em ditongo [ẽw] e [ɛw] podem, entre outros processos, formar o feminino pelo contraste com vogal, [ẽ] e [ɛ] respetivamente, (20) e (21).

(20) irmão/irmã; campeão/campeã; órfão/órfã; anão/anã;

(21) réu/ré

Esta constatação é válida do ponto de vista sincrónico, embora, numa perspetiva diacrónica, se observe uma evolução diversa para as formas que indicam o masculino e o feminino, como consequência, para os exemplos em (19), da síncope de /n/ intervocálico. No primeiro caso²⁹ (*germanu* > *germã-u* > *irmão* e *orphanu* > *orfã-u* > *órfão*), a síncope conduz a um hiato e à nasalização da vogal anterior, com subsequente formação de um ditongo. Mas, nas palavras femininas, o percurso é diverso e resulta no surgimento de uma vogal nasal, por crase: *germana* > *germã-a* > *irmã* e *orphana* > *orfã-a* > *órfã*. Assim, considerados os dados históricos, não está em causa propriamente uma redução da forma masculina, mas uma evolução diferente condicionada pelo contexto fonológico.

6. Contraste lexical

O contraste lexical é um processo muito produtivo no PE, quer para nomes que referenciam seres humanos (22), quer para os que referenciam seres animados não humanos (23).

- (22) homem/mulher; cavalheiro/dama; marido/mulher; genro/nora; pai/mãe
(23) boi/vaca; zângão/abelha; cavalo/égua; carneiro/ovelha; bode/cabra

Nestes pares temos oposições ao nível da referência semântica, não se tratando, portanto, de contraste de género, pois verifica-se heteronímia de radicais e os vocábulos apresentam sempre o mesmo género: *homem* é do género masculino e *mulher* do género feminino. Neste sentido, poderiam ser considerados nomes sem contraste de género enquanto categoria gramatical, ou seja, palavras que não variam. Veja-se a agramaticalidade dos exemplos (24) e (25).

- (24) o/*a homem; a/*o mulher
(25) o/*a boi; a/*o vaca

Estes termos relacionam-se apenas por identidade / semelhança semântica, tratando-se pois de um processo analítico de oposição. Por outro lado, se relacionarmos as formas *mulher* e *mulherão*, verificamos que existe variação em género gramatical a partir do mesmo radical, sem mudar o género biológico, o que reforça a autonomia de género gramatical entre *homem* e *mulher* e a ideia de oposição ao nível da referência semântica.

7. Derivação

Um outro processo muito produtivo em PE é o contraste por acrescento de morfema derivacional. O morfema derivacional pode ser afixado ao feminino (26), a ambas as formas (27) ou apenas ao masculino (28).

- (26) galo/galinha; conde/condessa
(27) ator/atriz; imperador/imperatriz
(28) perdigão/perdiz

8. Processos sintáticos

Como se tem vindo a mostrar, o género é uma categoria obrigatória nos nomes, em PE, mas nem todos os nomes admitem contraste de género. Alguns nomes aceitam o contraste de género apenas pela alternância de artigo, os denominados *comuns de dois*. É, portanto, pela estrutura sintática que o género é marcado (Câmara, 1970). Entre estes nomes temos os ilustrados em (29).

²⁹ Na apresentação dos exemplos, apenas assinalamos os fenómenos fonéticos relevantes.

(29) o/a colega; o/a jovem; o/a artista; o/a dentista; o/a cliente

De notar que a alternância do artigo, em certos casos, acarreta um contraste lexical, gerando nomes de subclasses diferentes, como em (30).

(30) o polícia/a polícia

9. Composição

Tradicionalmente, considera-se a composição como um processo de marcação do contraste de género em alguns nomes de animais (nomes epicenos). Consideramos que, nestes casos, a variação que ocorre é de sexo e não de género, dado que, por um lado, não há alteração do género da palavra (31) e (32), e, por outro, apenas se usa *macho* ou *fêmea* quando se pretende especificar o sexo do animal.

(31) o crocodilo – macho/*a crocodilo – fêmea

(32) *o águia – macho/a águia - fêmea

Em conclusão, a não-obrigatoriedade de existência de contrastes de género e o facto de a sua realização estar a cargo, quer de diversos processos fonológicos e morfológicos, como o contraste de índices temáticos e a derivação, quer sintáticos, são propriedades que distinguem claramente o género das restantes categorias morfossintáticas disponíveis no português, e que justificam a sua análise como uma categoria não flexional. Consideramos, assim, que o PE é uma língua em que não existe correlação entre as noções de género e sexo, pelo que é útil associar o género à estrutura sintática e à concordância. Desta forma, todos os nomes têm um género, concebido como noção sintática.

III. Propostas de abordagem do género em LM

Baseados nas considerações e na reflexão antes encetada, apresentamos a seguir uma brevíssima proposta de abordagem do género gramatical do Português língua materna (LM). Um percurso pedagógico em LM deve atender ao nível de desenvolvimento linguístico e ao nível de escolaridade em que o aluno se encontra.

Entendemos que, **num primeiro momento**, se podem agrupar os nomes em dois grupos, sendo abordados no ensino-aprendizagem de forma gradual e pela ordem aqui apresentados.

Primeiro grupo: nomes de um só género (uma só forma, que não depende do contexto sintático e que apenas admite um determinante):

- femininos: *a mulher, a mesa, a cadeira, a galinha, a actriz, a dama*
- masculinos: *o homem, o livro, o crocodilo, o ator, o cavalheiro*

Segundo grupo: nomes de dois géneros (isto é, de duas formas quanto ao género, haja ou não alteração do nome, valorizando a pouco e pouco o contexto sintático):

- masculinos/femininos sem alteração na palavra: *a/o cliente; a/o dentista*
- masculinos/femininos com alteração na palavra: *o gato/a gata; o menino/a menina*

Só **num segundo momento** é que podemos abranger a diversidade de processos de marcação do género em Português, ao mesmo tempo que se trabalham os constituintes mórficos da palavra. Há um conhecimento intuitivo que deve ser exteriorizado progressivamente pela reflexão.

Propostas de abordagem do género na sala de aula:

Proposta 1.

Objetivos:

- construir a noção de género como categoria arbitrária, convencional e não sistemática;

0. Observe atentamente a imagem.



In Margarida Fonseca Santos, *Chamem-lhe nomes*

0.1. Diga se o grupo nominal <as cavalheiras> (como aparece na imagem) está bem formado.

Selecione a justificação para a sua resposta.

- a) Sim, porque é o plural de cavalheira.
- b) Sim, porque é o feminino de cavalheiro.
- c) Sim, porque o artigo concorda em número e género com o nome.
- d) Não, porque o artigo não precisa de concordar com o nome.
- e) Não, porque o feminino de cavalheiros é, por convenção, <damas> e não <cavalheiras>.

0.2. Identifique, agora, o processo que permitiu formar a palavra *dama*.

0.3. Partindo das formas <dama> e <cavalheiro>, diga o que entende por género gramatical.

0.4. Explique o sentido humorístico da ilustração.

Proposta 2.

Objetivo: construir a noção de género gramatical a partir de critérios sintáticos e morfológicos.

1. Leia o excerto do texto “Uma Companhia” e observe esquema que se lhe segue.

Uma companhia

Quando o criador de palavras ia já a dar o seu trabalho por concluído, percebeu logo que se enganara. Cada palavra mostrava sinais de solidão e, pensando bem, ele também sentia a falta de qualquer coisa...

Foi nesse momento que lhe surgiu a ideia de criar palavras novas para acompanhar as já existentes.

Mas que ideia fantástica!!!

O criador, satisfeito, ficou a vê-las a formar pares:

O gato miou para a gata;

O sabichão conferenciou com a sabichona;

O actor contracenou com a actriz;

O leão foi caçar com a leoa;

O irmão brincou com a irmã (e irritou-a, claro está...!) (...)

In Margarida Fonseca Santos, *Chamem-lhes Nomes!*

Esquema:

artigo masc. + N

o gato

o sabichão

artigo fem. + N

a gata

a sabichona

- 1.1. Complete o esquema com palavras presentes no texto.
1.2. Enuncie, completando a definição, a conclusão a que chegou.

Quando um nome é antecedido de _____ é do género _____ e quando um nome é antecedido de _____ é do género _____. Estamos perante a categoria de género _____.

- 1.3. Os nomes <sabichão> / <sabichona> e <gato> / <gata> têm terminações diferentes. Identifique-as.
1.4. Faça corresponder essas terminações ao valor de género, seguindo o exemplo.

Palavras	terminação	valor de género
sabichão	-ão	masculino

- 1.5. Parta das formas *criador*, *gato* e *sabichão* para apresentar exemplos de outras que evidenciem as mesmas terminações.

Proposta 3.

Objetivo: consolidar a noção de género gramatical, reconhecendo terminações típicas dos valores masculino e feminino.

(...) Mas o criador, a certa altura, afligiu-se. Então não é que, seguindo o seu exemplo, algumas palavras tiveram ataques de criatividade?!

O cão largou a correr com a cadela;

O bode namorou com a cabra;

O carneiro elogiou a lã da ovelha;

O cavalheiro deu o braço à dama!

Contudo, o criador pôde serenar e sentiu-se, também ele, acompanhado. Ao seu lado estava agora uma criadora, que lhe deu a mão, e, juntos, saíram a criar mais palavras

In Margarida Fonseca Santos, *Chamem-lhes Nomes!*

3.1. Identifique, no texto, outras terminações relevantes na marcação do género, associando-as aos valores.

Proposta 4.

Objetivo: consolidar a noção de género gramatical, explorando particularidades da marcação em género (contrastes lexicais)

Mas um dia, encontraram um conjunto de palavras muito tristes, que não tinham par:

A casa reclamava que não queria caso;

O livro só exclamava livra!, livra! quase era apanhado por uma prateleira;

Fonseca Santos.

4.1. Seguindo o esquema terminação –o para o masculino e terminação –a para o feminino, foram criados pares de palavras que criaram um efeito humorístico. Explique a razão.

4.2. Dê continuidade ao texto, dando seguimento com jogos de palavras à tua escolha.

4.3. Para compreender o humor do poema “Casamento”, descubra a “lei que manda a gramática”.

Casei um cigarro
com uma cigarra,
fizeram os dois
tremenda algazarra
porque o cigarro
não sabe cantar
e a cigarra
detesta fumar.

Não digam que errei
(mania antipática!)
só cumpri a lei
que manda a gramática.

In Luísa Ducla Soares,
*Poemas da Mentira e da
Verdade*, Livros Horizonte, 1999.

IV. Considerações finais

Em Português Europeu, o género é uma categoria gramatical, morfossintática e lexical, sinalizada por diversos processos (não sendo, em caso algum, por flexão nominal), e não um contraste de sexo dos seres animados. Neste sentido, todos os nomes têm um valor de género (*masculino* ou *feminino*) que permite a concordância das palavras nos sintagmas e nas frases.

Desta maneira, a marcação do género nos nomes é obrigatória e, no seu tratamento, deve ter-se presente a não correlação das noções de género e sexo, a variação ou não das formas nominais e, em níveis mais avançados de ensino, a diversidade de processos para expressar o género. A tradição gramatical e o ensino enraizaram algumas ideias que necessitam de reflexão à luz atual: por um lado, a ideia de que existe uma regra geral de contraste do índice temático (-o/-a) para marcar os valores de género, sendo que tal contraste, por vezes, transgride a realidade semântica; por outro, a consideração de que a composição constitui um simples processo de expressar o sexo de alguns animais e não de exprimir contrastação de género.

Longe deste tema ter sido trabalhado exaustivamente, urge um reinvestir alargando o estudo à comparação entre línguas.

Referências bibliográficas

- Bechara, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 37.^a edição.
- Botelho, J. M. (2004). *O género imanente do substantivo no português*. Rio de Janeiro: Botelho.
- Câmara JR., J. M. (1969). *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- Câmara JR., J. M. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis: Vozes.
- Câmara JR., J. M. (1985). *Dicionário de lingüística e gramática*. 12.^a ed. Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, José H. (1967, 1984). *Teoria da Linguagem*. Coimbra: Coimbra Editora. 4.^a reimpressão.
- Corbett, G. (1991). *Gender*. Cambridge: University Press.
- Costa, J. (2007). Conhecimento gramatical à saída do ensino secundário, estado actual e consequências na relação com leitura, escrita e oralidade. In *Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: ME e DGIDC.
- Cunha, C. e Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- De La Grasserie, R. (1898). La Catégorie Psychologique de la Classification Revelée par le Language. *Revue Philosophique de la France et de L'étranger* 45 (pp. 594-624).
- Hockett, C. F. (1958). *A course in modern linguistics*. New York: Macmillan.
- Huber, Joseph. (1933, 2006). *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2.^a edição portuguesa.
- Lucchesi, D. (2003). A categoria gramatical do género: universais, mudança e crioulização. In *Razões e Emoções. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (pp. 429-450).
- Luft, C. P. (1987). *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: [s/ed.]. 8.^a ed.
- Neves, M. H. M (1987, 2005). *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2.^a Edição. São Paulo: Editora UNESP.
- Nunes, J. J. (1919, 1975). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica. 8.^a edição.
- Villalva, A. (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG/FCT.
- Villalva, A. (2003). Estrutura morfológica básica. In MATEUS, Maria Helena M. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5.^a edição.